

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Faculdade de Ciências Sociais**

**Departamento de História**

**A imagem do governo Mujica na imprensa**

Orientador: Prof. Dr. Lauro Ávila

Orientando: Fernando Teixeira Ribeiro

RA: 00224095

Curso: História (Bacharelado)

**São Paulo**

**2024**

Em meados de novembro de 2012 começaram a aparecer na imprensa internacional algumas matérias que classificavam José Cordano Mujica como “o presidente mais pobre do mundo”. Naquele momento, com então 77 anos de idade e a poucos meses de completar três anos de mandato, o uruguaio já era considerado dentro de seu país uma figura singular, carismática e que demonstrava uma grande habilidade para comunicação política, ainda que seu passado guerrilheiro, sua gestão na presidência local e algumas declarações fossem alvos frequentes de desconfianças e críticas da oposição.

Mas o que fez com que um ex-guerrilheiro convertido a democrata e mandatário de um país de pouco destaque no cenário político mundial tenha despertado uma curiosidade que se tornaria insaciável ao longo de seu governo, especialmente na imprensa estrangeira, a ponto de torná-lo um dos governantes mais populares do planeta até o fim de seu mandato, em março de 2015? As inúmeras particularidades de Mujica e de sua gestão, assim como o papel desempenhado pela mídia internacional, foram determinantes para consolidar uma imagem e atrair os olhos do mundo para o Uruguai, como pretendo demonstrar ao longo deste artigo.

Corporação pública de rádio e televisão do Reino Unido, fundada em 1922, a British Broadcasting Corporation, mais conhecida pela sigla BBC, foi o primeiro veículo de comunicação do mundo a se referir a Mujica como o presidente mais pobre<sup>1</sup> do mundo, em um perfil escrito de Montevideu pelo jornalista Vladimir Hernandez. O texto foi publicado no dia 7 de novembro de 2012 e atualizado no dia 15 do mesmo mês. Aqui cabe um parêntese antes de explorar os desdobramentos desta reportagem na construção da imagem do ex-presidente uruguaio.

Os adjetivos costumam ter seu uso restrito na imprensa, quando não, vetado. No jornalismo, ainda que os veículos de comunicação sejam agentes sociais ativos, com todas as implicações inerentes, há uma preocupação em transmitir uma ideia de imparcialidade. O uso de adjetivos, não raro, se mostra um impeditivo para jornalistas apegados a este ideal. Os próprios manuais de redação de jornais, revistas, emissoras de televisão e rádio, que têm por objetivo orientar os profissionais sobre normas, condutas e padronizações, ressaltam que os adjetivos com juízo de valor devem ser evitados em reportagens. Os locais mais apropriados para o uso desta classe de palavra tendem a ser artigos, colunas e

---

<sup>1</sup> <https://www.bbc.com/news/magazine-20243493>

editoriais, por serem espaços opinativos dentro da imprensa. O caso em questão chama mais a atenção pelo uso de um superlativo relativo (“o mais pobre”), sem uma fonte estatística que possa comprovar a afirmação.

Mesmo assim, não faltaram matérias no fim daquele ano e no decorrer dos anos seguintes, dos mais variados cantos do mundo, que recorreram justamente ao superlativo mencionado, sem creditá-lo ao veículo pioneiro e a contragosto do próprio Mujica, explorando a imagem do então presidente uruguaio, assim como o seu modo austero de viver e conduzir os destinos da nação. Era como se fosse imperativo contar aos leitores a história de um governante que descartava a formalidade, o protocolo e a pompa que rodeiam outros chefes de Estado e que, para espanto mundial, renunciou à possibilidade de estadia na luxuosa residência presidencial durante o mandato de cinco anos.

O gesto, na ocasião, foi bastante apreciado pelos compatriotas, conforme narra o jornalista uruguaio Mauricio Rabuffetti no livro “Mujica, a revolução tranquila”, de 2015. Não podia ser diferente, destaca o autor, em um país em que a igualdade, mais do que um conceito abstrato ou um ideal a alcançar, é um valor profundamente enraizado. Talvez, por isso, quando questionado, o então mandatário rebateria depois e, por mais de uma vez, diria que as reportagens que falavam em “presidente mais pobre do mundo” continham um “erro conceitual” e que o seu desapego material era fruto de sua sobriedade.

“Pobres são os que me descrevem. Minha definição é a de Sêneca: pobres são os que necessitam de muito; se precisa de muita coisa, é insaciável. Eu sou sóbrio, não pobre. Sóbrio. Com a bagagem leve. Viver com pouco, com o imprescindível. E não estar amarrado a questões materiais. Por quê? Para ter mais tempo. Mais tempo livre [...] para poder fazer as coisas de que eu gosto. A liberdade é ter tempo para viver. Então, há uma filosofia de vida na sobriedade que eu pratico. Mas não sou pobre”. (MUJICA, em entrevista à repórter Lucia Newman, da Al Jazeera<sup>2</sup>, em 2013).

Mujica faz questão de cultivar a imagem de ser apenas “mais um” que, circunstancialmente, ocupou o cargo presidencial. Esse retrato de uma pessoa comum é justamente o que o projetou e o fez ser uma exceção entre os pares presidenciais. Trata-se de uma escolha pessoal viver de forma comedida e sem o aparato de segurança que envolve o cargo. “É um homem de classe média, proveniente de uma família trabalhadora.

---

<sup>2</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=hteGnL-8SeU>>. Acesso em: 18 de agosto de 2024

Apenas escolheu viver de forma comedida e sem ostentação, longe dos brilhos que normalmente rodeiam os chefes de Estados”. (RABUFFETTI, 2015, p.35)

Até o Fantástico<sup>3</sup>, da Rede Globo, a maior emissora de televisão da América Latina, desembarcou em Montevideú, poucas semanas após a reportagem da BBC, para destacar no programa dominical de 2 de dezembro de 2012 o fato de Mujica ser um homem desapegado dos bens materiais e ter deixado para trás, na cadeia e de maneira dura, a vida de guerrilheiro para se transformar em um político que doa 87% de seu salário como presidente, circula em um fusca fabricado em 1987 e que dispensou o palácio presidencial para continuar a viver numa chácara simples, de 20 hectares divididos em três lotes, em Rincón del Cerro, nos arredores da capital uruguaia, uma zona de produção de frutas e verduras. O uso do mesmo adjetivo, a exemplo de outras mídias, não ficou de fora da reportagem de Delis Ortiz, no Fantástico.

Desde os prestigiados The New York Times, Washington Post e CNN, dos Estados Unidos, The Economist, Financial Times e The Guardian, do Reino Unido, até emissoras coreanas e japonesas, passando pela imprensa chinesa ou russa, o mundo inteiro tomou conhecimento de sua existência austera, mesmo que nem todos tenham no fim utilizado o superlativo de “presidente mais pobre do mundo”. A reportagem da BBC, portanto, acabou funcionando como um gatilho que chamou a atenção da imprensa mundial para as peculiaridades de Mujica. Rabuffetti, responsável por intermediar boa parte das entrevistas com jornalistas estrangeiros, afirma em seu livro que o modo de vida de Mujica é tão normal e ele se mostra tão natural com a vestimenta de político-camponês que chega a destoar, comparado ao luxo que rodeia outros presidentes. Também não combina, acrescenta o autor, com os valores dominantes da civilização ocidental.

“Por isso, ele se converteu em um atrativo para jornalistas e concedeu dezenas de entrevistas a meios internacionais que vieram ao Uruguai, um atrás do outro, para contar a mesma história: a de um homem que é presidente e resolve viver com pouco”. (RABUFFETTI, 2015, p 51). O autor contabiliza em sua obra mais de 100 entrevistas de Mujica para mídias internacionais em cerca de cinco anos, o que garantiu uma notoriedade significativa para o pequeno país sul-americano, cujos 3,4 milhões de habitantes representam 0,05% da população global. O Uruguai deixou de ser apenas uma

---

<sup>3</sup> Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=xh3RiwrUFYs>>. Acesso em: 14 de agosto de 2024

nação fronteiriça entre os gigantes Brasil e Argentina e reconhecida, especialmente pelas conquistas no futebol, como o bicampeonato olímpico, em 1924 e 1928, e as copas do mundo de 1930 e 1950.

O presente trabalho de conclusão de curso (TCC) consiste em um artigo que busca justamente analisar a imagem do governo Mujica, entre 2010 e 2015, na imprensa uruguaia a partir de sua grande exposição nas mídias internacionais. Como um político, à beira dos 80 anos, se converteu numa estrela da política mundial que ostenta o recorde de entrevistas para meios de comunicação do exterior entre os mandatários da história uruguaia? Diante de tal ufanismo internacional, como reagiu a mídia local? Qual foi o papel da imprensa uruguaia e estrangeira na construção da imagem do ex-presidente? Essas são algumas questões que pretendo elucidar ou esmiuçar.

O primeiro grande discurso internacional de Mujica foi na Conferência sobre Mudanças Climáticas Rio + 20, quando criticou o modo de vida da chamada sociedade moderna baseado no consumo desenfreado.

“Não viemos ao planeta somente para nos desenvolver, assim, no geral. Viemos ao planeta para ser felizes. Porque a vida é curta e nos escapa. Nenhum bem vale tanto quanto a vida e isso é elementar. Precisamos trabalhar e sustentar uma civilização do ‘use e jogue fora’, e assim criamos um círculo vicioso. São problemas de caráter político que estão indicando que é hora de começar a lutar por outra cultura”. (MUJICA, em discurso na Rio + 20<sup>4</sup>, em junho de 2012)

O encontro, na ocasião, buscava chegar a acordos planetários sobre o meio ambiente e terminou sem nenhum consenso entre os governantes presentes. Para Mujica, no entanto, teve um efeito inverso em termos de popularidade ao multiplicar de forma exponencial sua fama mundo afora. A grande exposição de Mujica na mídia entre o fim de 2012 e o primeiro semestre de 2013, assim como políticas públicas em discussão no Uruguai e sua defesa sempre enfática pela igualdade social e os direitos humanos, catapultaram sua imagem e lhe garantiram a possibilidade de discursar na Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU), em setembro 2013.

---

<sup>4</sup> Disponível em < [https://www.youtube.com/watch?v=vDHYrx7\\_gol](https://www.youtube.com/watch?v=vDHYrx7_gol)>. Acesso em 16 de agosto de 2024

O encontro da ONU reúne presidentes dos quatro cantos do mundo por três dias em Nova York, nos Estados Unidos. O então presidente do Uruguai representou seu país no púlpito da Assembleia pela primeira vez em sua história. Durante 45 minutos, falou sem interrupção. Ao descrever a vida moderna, disse que

“O homenzinho típico de nossas grandes cidades perambula entre as finanças e o tédio rotineiro dos escritórios, às vezes temperados com ar-condicionado. Sempre sonha com as férias e a liberdade. Sempre sonha em fechar as contas, até que um dia o coração para, e adeus. Haverá outro soldado cobrindo as mandíbulas do mercado, assegurando a acumulação”. (MUJICA, em discurso na ONU<sup>5</sup>, em setembro de 2013)

Reforçando o que vinha pregando nos meses anteriores, Mujica ainda fez na ONU uma reflexão sobre o estilo de vida atual e suas consequências para os seres humanos, para o meio ambiente e para a vida familiar. Expôs as perspectivas dramáticas que, ao final de sua vida, imagina para a humanidade caso não haja uma virada que possibilite mudanças no futuro.

“Prometemos uma vida de excessos e desperdícios que, no fundo, constitui uma contagem regressiva contra a natureza e a humanidade como futuro. Civilização contra simplicidade, contra a sobriedade, contra todos os ciclos naturais e, pior, civilização contra a liberdade que significa ter tempo para viver as relações humanas e as únicas coisas que importam: amor, amizade, aventura, solidariedade, família. Civilização contra o tempo livre que não tem preço, não se compra, e que nos permite contemplar e observar o cenário da natureza”. (MUJICA, em discurso na ONU<sup>6</sup>, em setembro de 2013)

Suas palavras ganharam enorme repercussão. A partir daí seu alcance propositivo disparou de vez. Com frases e vídeos reproduzidos nas redes sociais, inclusive nos dias de hoje, os discursos terminaram de consolidar sua imagem de sábio e estrela mundial, uma mistura de camponês culto, político urbano e líder rural à moda antiga, a ponto até de servir de exemplo para crianças japonesas ao aparecer, posteriormente, como protagonista em um livro destinado a ensinar conceitos de austeridade, conforme o livro “Mujica, A Revolução Tranquila” (2015).

---

<sup>5</sup> Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=-E6d\\_kZ-QPY](https://www.youtube.com/watch?v=-E6d_kZ-QPY)>. Acesso em 16 de agosto de 2024

<sup>6</sup> Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=-E6d\\_kZ-QPY](https://www.youtube.com/watch?v=-E6d_kZ-QPY)>. Acesso em 16 de agosto de 2024

A obra de Rabuffetti, assim como o livro “Uma Ovelha Negra no Poder: Confissões e Intimidades de Pepe Mujica”, de Andrés Danza, foram fundamentais para o pontapé inicial deste trabalho. Não se trata de biografias do ex-presidente. Ambas narram os traços de identidade do Uruguai, sua história e sua particular idiossincrasia, essenciais para entender como Mujica, um guerrilheiro que pregava a luta armada e foi torturado de forma brutal e sistemática durante a ditadura uruguaia (1973-1985), chegou a presidente e por que pôde propor e aprovar medidas revolucionárias para os dias de hoje, embora com um caráter individual, como a regulamentação do uso da maconha, o casamento entre pessoas do mesmo sexo e a legalização do aborto.

As três pautas, consideradas polêmicas dentro e fora do Uruguai, foram aprovadas entre 2012 e 2013. No caso da droga, Mujica desafiou as instâncias internacionais, como a Junta Internacional de Fiscalização de Estupefacientes, organismo que depende financeiramente da ONU, ao propor uma regulação do mercado da maconha que estava muito além de qualquer outra medida similar aplicada no mundo, já que envolvia o Estado como fiador da produção e distribuição da erva. O mandatário uruguaio recebeu muitos elogios quando promulgou a lei. Um grupo de professores de direito penal na Alemanha chegou a enviar uma carta ao comitê encarregado de selecionar os candidatos ao Prêmio Nobel da Paz para pedir que Mujica fosse incluído na lista de indicados por sua determinação em modificar o foco da luta antidrogas.

Na imprensa, o esforço também gerou salva de palmas. A revista *The Economist*<sup>7</sup> escolheu o Uruguai como o país do ano, em 2013, por sua pioneira legalização da maconha. Já a revista *Time*<sup>8</sup> incluiu Mujica, em 2014, na sua lista anual das 100 personalidades mais influentes, exatamente pela decisão com relação à *cannabis*. O breve artigo assinado pela apresentadora de televisão Meghan McCain foi intitulado “O revolucionário que legalizou a erva”.

No caso da lei sobre o aborto, prevaleceu a percepção de que a mulher deveria ter o direito a decidir sobre seu próprio corpo em qualquer caso e, portanto, sobre a interrupção de uma gravidez. A ideia era evitar a prática de abortos em condições de insalubridade que

---

<sup>7</sup> <https://www.economist.com/leaders/2013/12/18/earths-got-talent>

<sup>8</sup> <https://time.com/collection-post/70869/jose-mujica-2014-time-100/>

podem ter consequências fatais, além de acabar com a criminalização de mulheres por isso. Mujica abordou a questão de forma didática.

“Quem é a favor do aborto? A coisa é simples e de senso comum. Acho que ninguém pode ser a favor do aborto; é uma questão de princípios. Mas há um grupo de mulheres na sociedade que se vê na amargura de ter que tomar essa decisão, nadando contra a maré, porque a família não a entende, por solidão, pelas circunstâncias da vida. Esse mundo vive na clandestinidade. E [essa mulher] é explorada, e arrisca a vida. [...] reconhecer a existência deste fato, colocá-lo na mesa com a legalização nos dá a oportunidade de agir de forma convincente sobre a decisão destas mulheres. E se houver uma questão econômica, de solidão, uma angústia, os fatos demonstram que muitas mulheres voltam atrás e vidas podem ser salvas. A outra opção é deixá-las ilhadas em meio ao drama. É hipócrita. Temos que nos responsabilizar”. (MUJICA, em entrevista ao programa “Desayunos”, da Televisão Espanhola<sup>9</sup>, em maio de 2013.

A lei sobre o aborto vigora desde outubro de 2012. Em junho de 2013, um plebiscito para abolir a medida fracassou, com menos de 10% dos habilitados tendo comparecido às urnas. Já o matrimônio civil e a união permanente entre pessoas do mesmo sexo foram promulgados em maio de 2013, o que tornou o Uruguai o segundo país latino-americano a igualar em direitos casais heterossexuais e homossexuais, atrás apenas da Argentina. Até que ponto a nação, de tradicional vanguarda em matéria de direitos individuais na América Latina, estava preparada para aprovar essas pautas durante a gestão Mujica? Qual foi influência da figura do ex-presidente e sua disposição ao diálogo na regulamentação destas medidas, consideradas polêmicas por si só?

Devemos recordar que nas duas primeiras décadas do século XX, o país obteve conquistas que outras nações levaram mais de meio século para alcançar, como jornada de trabalho de oito horas, seguro-desemprego, normas de segurança no trabalho e pensão para os aposentados. O Uruguai, além disso, foi o primeiro país da América Latina a ter uma lei de divórcio, aprovada em 1907. Também foi o primeiro latino-americano a ter ensino

---

<sup>9</sup> Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=DZeBh\\_Vf\\_fg](https://www.youtube.com/watch?v=DZeBh_Vf_fg) >. Acesso em 17 de agosto de 2024.

médio obrigatório e superior gratuito e a experimentar, a partir da constituição que entrou em vigor em 1919, uma forma de governo colegiado, semelhante ao que existia na Suíça na mesma época. A secularização também foi impulsionada neste período, tendo como ápice a separação entre Estado e Igreja com mesma a reforma constitucional.

Essas inovações, somadas ao desenvolvimento econômico e social registrado na primeira metade do século passado, levaram o país a ficar conhecido como a “Suíça da América Latina”. A maioria destes avanços teve a influência de José Batlle y Ordóñez, do Partido Colorado, eleito pela primeira vez em 1903 para um mandato de quatro anos. Entre a primeira e a segunda gestão (1911), ele estudou administração pública e sistemas de governo na Europa. Foi essa experiência no exterior que o incentivou a promover parte das modernizações citadas acima. Mujica nunca escondeu que Batlle y Ordóñez é o mandatário uruguaio que mais admira, ainda que fosse do Partido Colorado, e um declarado social-democrata e antimarxista.

O período battllista, entre 1904 e 1919, caracteriza-se por uma crescente intervenção do Estado na atividade econômica, marcada pelo propósito de gerar uma situação de equilíbrio social e mesocracia, conforme descreve o historiador Lincoln Maiztegui no livro “Orientales: Una Historia Política del Uruguay”. “É a gestação de uma sociedade moderna marcada pelo predomínio das classes médias que diferenciou o país do resto do continente. Foi um momento de grandes avanços em matéria de proteção social” (MAIZTEGUI, 2005, p. 181). Nesta fase, o país caminhava bastante unido rumo a uma concepção de igualdade tanto no plano político como na organização estatal.

Em linha com Maiztegui, o historiador Gerardo Caetano, na obra “Historia mínima de Uruguay”, observa que se trata de uma época em que o país funda uma matriz de cultura política, um modelo de cidadania, que é a concepção da democracia uruguaia e se alcança ela por meio de pactos. “É o Estado como escudo dos fracos, o grande instrumento de construção da ordem social, de grande influência na defesa da laicidade ou dos direitos da mulher, entre outras áreas de ação” (CAETANO, 2023, p.134). De forma simplificada, ele explica que o ideal battllista era igualar, sintetizado em um republicanismo liberal (2023). É uma liberdade que se consolida na igualdade, tampouco sendo neutro em temas morais. Por exemplo, ao procurar regulamentar a prostituição, considerando que era uma realidade e não um mal a ser combatido. Isto é, traços de um pragmatismo em sua máxima expressão.

Como a era battllista e seu pragmatismo influenciaram o ex-guerrilheiro transformado em presidente? Caetano o define como um “herdeiro múltiplo” ou um “magma ideológico”, produto da fusão de valores essenciais à identidade uruguaia, incluindo alguns importantes provenientes do battlismo, ainda que Mujica seja declaradamente descrente do Estado, principalmente de seus aspectos burocráticos. “É mais que um liberal. É um libertário, quase anárquico, no sentido da liberdade como não interferência. Que ninguém imponha conceitos” (CAETANO, 2023, p. 141).

Além disso, quais são as outras referências políticas de Mujica? Este é um aspecto interessante desta figura ímpar. O ex-presidente, como não poderia deixar de ser, é um homem do seu tempo. Como seus contemporâneos, viveu a esperança de repetir no Uruguai a revolução que testemunhou em Cuba, quando visitou a ilha pela primeira vez aos 25 anos, em 1960, pouco tempo após a derrubada do ditador Fulgencio Batista, em 1 de janeiro de 1959. O mundo experimentava neste momento o auge da batalha entre as duas maiores potências, Estados Unidos e União Soviética, pela hegemonia global. A viagem para Havana, como admitiu Mujica, havia “fixado” um “horizonte”, sobretudo pela desilusão com a falta de perspectiva local em meio a um cenário de inflação galopante, salários que rendiam cada vez menos, desprestígio crescente dos principais partidos, autoritarismo e a multiplicação de ditaduras na América Latina (RABUFFETTI, 2015, p.72).

A influência da Revolução Cubana no jovem militante, que a observa de uma perspectiva ideológica, mas especialmente metodológica, é indiscutível. Essa oportunidade ele deve em grande medida à sua mãe, Lucila Cordano, de quem herdou o gosto pela política e a preferência inicial pelo Partido Nacional ou Blanco, rival do Partido Colorado (vermelho), mais urbano e menos popular na zona rural uruguaia. A origem das cores se explica pelas bandeiras que utilizavam para se distinguir. Os dois partidos podem ser classificados como a coluna vertebral da história política de quase 200 anos que define o Uruguai. Repletos de conflitos internos, ambos se alternaram no poder quando os conceitos de direita e esquerda surgidos na Europa nem sequer haviam cruzado o oceano Atlântico.

Em sua obra (2023), Caetano aponta que o colorado, durante meados do século XIX, se tornou gradualmente sinônimo de uma relação privilegiada com o poder institucionalizado (em particular com o Estado central), de um estilo de fazer política mais contratual, de defesa de um modelo modernizador mais imitativo, com uma visão

mais aberta ao exterior a partir de um cosmopolitismo muito eurocêntrico e repleto de perfis mais próximos ao meio urbano e ao imigrante, que continuou a desembarcar no país ao longo de todo este período. Por outro lado, argumenta o historiador (2023), o blanco passou a ser associado a uma atitude de desconfiança face ao poder centralizado e ao Estado, a um estilo de prática política mais agonística e romântica, com a defesa de um modelo modernizador mais seletivo e autorregulado, com uma maior propensão para posições nacionalistas a partir da afirmação de fronteiras mais fortes entre o dentro e o fora, além de uma associação privilegiada ao mundo rural e às autoridades locais.

Caetano destaca ainda que a primazia do Estado também contribuiu para uma centralidade das mediações especificamente políticas na sociedade uruguaia.

“Configurados como se viu desde cedo, resistentes aos repetidos ataques doutrais e fusionistas (conflitos internos dentro dos partidos entre doutores e caudilhos), os partidos políticos serviram como principais intermediários entre as reivindicações formuladas por uma sociedade civil carente de corporações fortes em meio a um espaço público definido e ordenado de forma quase monopolista a partir do Estado. Da mesma forma, blancos e colorados também logo se admitiram e aos poucos aceitaram, para além de suas disputas, um padrão de coparticipação na gestão do governo”. (CAETANO, 2023, P.132)

De acordo com o jornalista Walter Pernas, no livro “Comandante Facundo: o revolucionário Pepe Mujica” (2013), a referência de Lucila Cordano, convertida em vizinha influente no bairro de Paso de la Arena, nos subúrbios de Montevidéu, era Enrique Erro, conhecido por ser um político austero, muito trabalhador e filiado aos blancos. Ela aproximou o filho, já muito atraído pelas manifestações operárias, do velho dirigente, de quem se tornou pupilo. E foi justamente Erro, quando ministro de Indústrias e Trabalho, que enviou Mujica como delegado uruguaio ao Primeiro Congresso Latino-Americano de Jovens em Havana, conta Pernas.

Outra grande influência política de Mujica foi Raúl Sendic, um dos fundadores do Movimento de Liberação Nacional-Tupamaros e peça-chave na formação de uma organização armada contra o Estado. Sua entrada na clandestinidade foi um marco, por ser vista por seus seguidores, na época, como um sinal político inequívoco de rebelião e crítica ao Estado de direito vigente. Este fato aconteceu em 1963 após o assalto ao Club del Tiro Suizo, de Nueva Helvecia. Sendic também teve um papel central nos meses finais da ditadura, em 1984, quando preso junto com outros tupamaros, decidiram comunicar à

sociedade que deixariam a violência e a luta armada para se integrar à vida política ao término do regime militar.

“Devemos nos integrar à luta institucional e democrática, sem cartas na manga”, escreveu Sendic em um pequeno papel enrolado entregue a Julio Marenales, outro dos fundadores do movimento (PERNAS, 2013, p. 88). A mensagem chegaria à opinião pública antes mesmo que os tupamaros fossem libertados, logo após a posse de Julio María Sanguinetti, em março de 1985. Coube a Mujica, recorda Rabuffetti (2015), traduzir em um discurso histórico, os sentimentos e as decisões trazidas pelo grupo da prisão, sobretudo o adeus às armas.

“É preciso ter a sabedoria de não pedir às pessoas o que elas não podem dar. Porque se a nossa impaciência pede mais aos homens do que eles podem dar, nós nos expomos a um fracasso e arruinamos aqueles a quem pedimos. Não compartilho o caminho do ódio, nem mesmo aos que cometeram ações indignas contra nós. O ódio não constrói”. (RABUFFETTI, 2015, p.101).

Do ponto de vista das referências políticas de Mujica, os tupamaros, em geral, não podem ficar de fora. Eles são, por excelência, a família em que se formou o ex-presidente, ainda que, diferentemente de alguns companheiros, ele já tivesse experiência prévia em uma estrutura partidária tradicional. A história do movimento está profundamente vinculada à luta pela distribuição de terra e as reivindicações operárias dentro de um contexto de guerra fria. Na ocasião, o Uruguai abrigava grandes latifúndios, que concentravam sobretudo a atividade pecuária extensiva, praticamente extrativa. A vida cômoda, quando não luxuosa do patrão, contrastava com a miséria do trabalhador rural.

Portanto, em uma sociedade marcada a ferro e fogo pelo ideal de igualitarismo que o ex-presidente Battle y Ordóñez terminou de conceituar no início do século XX, não surpreende o surgimento de uma organização política que apregoava a justiça social. Surpreendente era a decisão de alcançar tal objetivo pelo caminho das armas. Isso porque o apego uruguaio à democracia pareceria, a priori, contradizer e contrariar qualquer ideia de violência contra as instituições estabelecidas.

Neste breve relato, vemos como diferentes figuras, de perfis políticos distintos, podem ter impactado nos valores e na formação do ex-presidente. Da mãe, herdou o gosto pela política e a preferência, num primeiro momento, pelos blancos. De Erro, a austeridade e

a dedicação ao trabalho. De Batlle y Ordóñez, o pragmatismo, a tolerância com as diferenças políticas e a importância de leis de caráter individual e coletivo. De Sendic, a capacidade de se reinventar ao renunciar à luta armada e propor a reintegração de guerrilheiros à vida política do país. Dos tupamaros, a defesa da justiça social e da reforma agrária.

Apresentada as influências políticas, devo frisar que uma das propostas deste projeto de TCC é identificar, a partir de reportagens, artigos, editoriais, manchetes e até pela diagramação, como se deu parte deste processo de construção da imagem de Mujica como uma figura particular e diferenciada em relação aos seus antecessores no cargo de presidente e em comparação com seus pares no mundo afora, ainda que suas atitudes, iniciativas e decisões tenham de fato coerência com o seu modo de pensar e viver e ele seja, como gosta sempre de dizer, apenas mais um, independentemente de sua condição de presidente ou ex-presidente.

Optei por limitar a pesquisa da imprensa como fonte em apenas um veículo de comunicação do Uruguai, uma vez que o artigo pretende analisar a cobertura do governo Mujica pela imprensa uruguaia a partir da grande exposição do então presidente nos principais veículos de comunicação do exterior. É evidente que este trabalho exigiu uma análise da mídia local no período que antecede o interesse dos jornalistas internacionais (como vimos na introdução, em sua maioria, a partir de 2012), inclusive, para entender como a imprensa uruguaia acompanhou e reagiu ao ufanismo de fora.

A escolha do jornal diário El País atende aos critérios de circulação, longevidade e estrutura. Em seu formato, é hoje o principal veículo de comunicação impresso do Uruguai, sendo de perfil centro-direita. Foi fundado em setembro de 1918, ou seja, bem mais antigo do que os atuais concorrentes El Observador (1991) e La Diaria (2006). Teve seu início como um jornal político, associado ao Partido Nacional (Blanco). Com o tempo, se desenvolveu num jornal de interesses gerais e deixou a vinculação política. Possui uma circulação de 65 mil exemplares nos dias de semana e 100 mil aos domingos, superior aos concorrentes, de acordo com o Instituto Verificador de Circulaciones (ICV)<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> <https://archive.ph/20190811221459/http://www.ivc.org.ar/uruguay.html>

Vale lembrar que todos os veículos de comunicação, apesar da tradicional premissa da imparcialidade, são agentes sociais ativos, com valores morais e políticos, geralmente, bem demarcados, ainda que seja possível preservar certa individualidade numa reportagem ou artigo. Quero dizer, com isso, ser importante entender e contextualizar a análise com rigor e dentro do universo que lhe cabe, ou seja, considerando os grupos econômicos que financiam o respectivo periódico, através de anúncios, e os leitores que consomem suas notícias numa relação, a meu ver, quase umbilical.

Portanto, o projeto não teve o objetivo de descrever traços da identidade uruguaia ou as qualidades e contradições de Mujica, mas entender e descrever como a imprensa, como um prestador de serviço e agente social que é, pode construir um personagem que, por si só e com toda a sua autenticidade, já seria digno de atenção e exposição midiática. Ainda assim, considero de fundamental importância entender esses traços da identidade uruguaia, com seu enraizado conceito de igualdade e horizontalidade que, imagino, ajudam a explicar a ascensão de Mujica ao poder. A história do ex-presidente e da sociedade Uruguai revelam, de um lado, uma abertura do povo para experimentar um governo com um estilo que o distancia do político tradicional e, de outro, uma tolerância em aceitar que alguém que apelou às armas no passado se convertesse em presidente da República.

Compreender ao máximo e na medida do possível a figura de Mujica foi outra tarefa vital para o trabalho. Afinal, estamos falando de um personagem complexo, cujas influências e experiências, para o bem e para o mal, foram determinantes no seu destino. Hoje, aos 89 anos, o ex-mandatário carrega na bagagem um currículo extenso como florista, guerrilheiro e prisioneiro político por 13 anos, tempo no qual sofreu golpes e humilhações, esteve à base de meia ração de comida e água, isolado e sem contato com outros seres humanos por longos períodos, situação que quase o levou à loucura, como admite. Antes de se tornar presidente, ainda foi parlamentar por algumas legislações e ministro de Estado.

Todo esse contexto auxiliou no objetivo de elucidar a cobertura da imprensa, especialmente na aprovação das medidas mais heterodoxas de sua gestão, como a regulamentação da maconha, o casamento entre pessoas do mesmo sexo e a legalização do aborto. Essas datas, assim como a eleição de Mujica no segundo turno de 2009, sua posse no ano seguinte, os diversos discursos em fóruns internacionais, as entrevistas, entre outros eventos, são peças-chave para entender como o El País, em contraponto com

a mídia estrangeira, trabalhou a construção e a imagem deste personagem que deixou as armas de lado e com gestos, discursos humanistas e decisões pioneiras se tornou numa referência mundial com milhares de fiéis seguidores nas redes sociais.

## El Pais

A análise da cobertura do El Pais revela que o jornal e os seus colunistas não imaginavam, tanto durante o período eleitoral (2009) quanto nos primeiros anos de governo (2010, 2011 e 2012), que Mujica pudesse angariar tanto sucesso entre a mídia internacional. Essa percepção ocorreu de forma tardia, como pretendo mostrar, e acompanhada de um certo desdém com o ufanismo dos jornalistas estrangeiros. A exposição do então presidente uruguaio em grandes veículos de comunicação do exterior foi, em grande medida, ignorada em um primeiro momento e depois, quando já não era possível esconder o interesse global, tratada como uma atenção desmedida, que omitia ou reduzia os problemas internos do país ao mesmo tempo em que supervalorizava a suposta retórica “caudilhesca” do mandatário. Seguir a ordem cronológica dos fatos, creio, facilitará o entendimento dos acontecimentos.

A 16 dias do primeiro turno, o El Pais traz um editorial<sup>11</sup> em que afirma que a estratégia da campanha da governista Frente Ampla, que tinha Mujica como candidato oficial, era deixá-lo falar pouco, para evitar novas declarações “desastrosas”, e “esconder a falta de coerência em seu pensamento”. No mesmo texto, o jornal elenca nove dúvidas que permeiam o que seria um suposto governo administrado pela Frente Ampla, a coalizão de centro-esquerda reunida em torno de Mujica, e declara apoio ao candidato da oposição, o ex-presidente Luis Alberto Lacalle (1990-1995).

“Podíamos seguir com vários exemplos. A incerteza e a imprevisibilidade do que seria um governo presidido por Mujica choca frontalmente com a certeza que oferece o programa do Partido Nacional. Nestas condições, o único destino que se pode pressagiar para a Frente Ampla é o de fratura ou dissolução, qualquer que seja o resultado eleitoral. Já é um barco à deriva, que cruza e faz água por todos os lados. Não tem futuro como tal”. (El País, 9 de outubro de 2009, p.10)

A mesma edição<sup>12</sup> também trouxe como principal destaque da editoria de política uma matéria com Lacalle. No banco do passageiro de um veículo, com os dois braços abertos

---

<sup>11</sup> El Pais, 9 de outubro de 2009, página 10

<sup>12</sup> El Pais, 9 de outubro de 2009, página 8

para fora do carro e segurando uma placa em forma de serrote com a palavra “insegurança”, o ex-presidente aparecia em destaque em uma foto bem aberta em um alto de página, ou seja, um espaço nobre. No título, ele dizia que o país com Mujica, voltaria à década de 1960. A declaração tinha um objetivo bem delineado, às vésperas do primeiro turno, quando o candidato frentista liderava as pesquisas de intenção de voto. Procurava associar o adversário, que tinha um passado como guerrilheiro, com um período marcada pela violência e a luta armada no país.

Foi nesta época de declínio econômico e social, em meados da década de 1960, que surgiu os Tupamaros e ocorre, em paralelo, o endurecimento de um governo de centro-direita cada vez mais autoritário e que culmina com o golpe de 1973, perpetuado pelo civil Juan María Bordaberry. Em sua fala, Lacalle ainda previa que a Frente Ampla, uma vez no governo, promoveria a instabilidade, com a expropriação da propriedade privada e uma maior intervenção do Estado na economia e na sociedade. Até o fim do primeiro turno, a cobertura da campanha frentista pelo jornal se dedica a explorar eventuais desavenças entre Mujica e Tabaré e a especular se a política econômica seria mantida pelo presidencialista.

É curioso notar as premissas e as previsões do jornal e do candidato opositor com a distância e o conhecimento dos fatos e desdobramentos. Afinal, Mujica se notabilizou na presidência justamente pela sua capacidade de se comunicar e pela coerência de seu pensamento político, especialmente entre o que prega e faz, ainda que não seja imune a contradições. Além disso, como vimos na introdução deste artigo, sua retórica ajudou a promover pelo mundo a imagem de um pequeno país subdesenvolvido da América do Sul. Sua gestão conferiu ao Uruguai o status de país do ano, em 2013, pela conceituada revista *The Economist*, como já antecipado. Já a Frente Ampla, a despeito de suas disputas internas e do presságio agourento do *El País*, permaneceu unida durante todo o governo Mujica, tendo eleito na eleição seguinte, em 2015, o candidato governista, o ex-presidente Tabaré Vasquez, que já tinha administrado a nação entre 2005-2010. Um sinal inequívoco de popularidade entre os uruguaios.

A disparidade na cobertura do *El País* entre os dois presidencialistas também pode ser medida na edição após o primeiro turno<sup>13</sup>. Com uma matéria de cada candidato em uma página espelhada, o jornal mostrava de um lado um Mujica cabisbaixo com a bandeira

---

<sup>13</sup> *El País*, 26 de outubro de 2009, páginas 7 e 8

uruguaia nas mãos ao lado do candidato a vice-presidente em sua chapa, Danilo Astori. A manchete dizia que a Frente Ampla sentiu o golpe de não vencer no primeiro turno. O governista teve 47,96% dos votos, enquanto Lacalle recebeu 29,07%. Do outro lado da página espelhada, o candidato opositor aparecia sorridente junto com seu vice, Jorge Larrañaga, sob a chamada “Me despojo de minha qualidade de blanco”, em um aceno ao centro e ao terceiro colocado, Pedro Bordaberry, do Partido Colorado, que teve 17,02% dos votos.

Em comparação com as reportagens, os artigos durante as duas votações foram bem mais agressivos com a eminência de uma vitória frentista, principalmente com a ascensão ao poder de um ex-guerrilheiro. Em um artigo<sup>14</sup>, Carlos Alberto Montaner afirma que o Uruguai está prestes a eleger um “político radical, da esquerda violenta da década de 1960 que irrompeu no continente à imagem e semelhança da revolução castrista”. O articulista questiona como uma sociedade madura e razoável, com uma trajetória digna e um apego a uma cultura republicana, pode eleger alguém com o perfil de Mujica. “Não tem condições de dirigir uma república democrática moderna, baseada no império da lei e do equilíbrio de poderes” (El País, 31 de outubro, p.11).

Em outro trecho da editoria de opinião<sup>15</sup>, Agustín Artagaveytia argumenta que Mujica demonstrou ao longo de seus 74 anos que não compartilha a mesma visão e valores dos uruguaios por ter pertencido a uma organização terrorista e, nesta condição, ter sequestrado, matado e ordenado execuções, como teria supostamente reconhecido em um documentário sua mulher, a senadora Lucia Topolansky, ainda conforme Artagaveytia. “Não podemos, como país, premiar a um ser assim, com a maior honra que possa ter um uruguaio” (El País, 26 de novembro, p.10).

No dia do segundo turno, a principal matéria do El País<sup>16</sup> ressalta no título que até aquele momento “Competiram duas visões de país”. O texto reúne declarações de blancos sobre o perfil estadista de Lacalle e manifestações frentistas em favor da segurança e da continuidade de um governo centrista. Para ilustrar a reportagem, duas fotos grandes, cada uma com um candidato cercado por centenas de militantes e bandeiras partidárias.

---

<sup>14</sup> El País, 31 de outubro de 2009, página 11

<sup>15</sup> El País, 26 de novembro de 2009, página 10

<sup>16</sup> El País, 29 de novembro de 2009, página 6

Na diagramação, a imagem do opositor, no entanto, aparece acima daquela ilustrada por Mujica, a despeito do favoritismo da Frente Ampla, segundo as sondagens.

A mesma edição traz no editorial “A herança Maldita”<sup>17</sup> uma mensagem que reforça as previsões pessimistas do primeiro turno em caso de vitória da Frente Ampla.

“Se vence Mujica, prevalecerá não o continuísmo, mas a radicalização de uma gestão de cinco anos e, lamentavelmente, podem ser colocados em questão os princípios básicos de uma democracia real” (El País, 29 de novembro de 2009, p.11).

O candidato da oposição, tratado como “Dr. Lacalle”, terá que colocar em marcha, na visão do periódico, o “plano de governo sério e fundamentado” que foi apresentado na campanha e encarar velhos e novos problemas para eliminar injustiças e corrigir desvios.

“Deverá por sua experiência e clareza de visão a serviço de uma causa nacional absolutamente prioritária e aplicar uma motosserra nos galhos negativos do legado a ser deixado pela Frente Ampla” (El País, 29 de novembro de 2009, p.11).

Encerradas as urnas, o frentista obteve 52,60% dos votos, ante 47,40% de Lacalle. Da vitória no segundo turno, no dia 29, até a posse, no dia 1 de março de 2010, o tom crítico cede espaço diante da expectativa que cercava o próximo governo. As reportagens e os artigos neste período abordam a necessidade de Mujica unir o país após uma disputa presidencial polarizada, os compromissos assumidos pelo mandatário com a política econômica do antecessor e o sistema democrático e sua disposição para o diálogo com a oposição e os empresários. A edição do dia da posse, naturalmente, concede um espaço generoso ao novo presidente, que aparece numa foto rodeado pela esposa e outros parlamentares na Assembleia Geral. Do seu discurso, o jornal destaca na reportagem<sup>18</sup> a promessa de jurar defender a constituição. Um claro recado aos que ainda desconfiavam de suas intenções institucionais.

Outras matérias e artigos da mesma edição ainda repercutem o discurso de Mujica. Em uma delas<sup>19</sup>, empresários manifestam uma “boa impressão” com as palavras do presidente eleito e sua promessa de reforma do Estado. Em outra<sup>20</sup>, em uma foto que reúne o

---

<sup>17</sup> El País, 29 de novembro de 2009, página 11

<sup>18</sup> El País, 2 de março de 2010, página 4

<sup>19</sup> El País, 2 de março de 2010, página 5

<sup>20</sup> El País, 2 de março de 2010, página 6

presidente empossado, sua esposa, a senadora Lucia Polansky e adversário Lacalle, opositoristas enaltecem a abertura do futuro governo para o diálogo com todos os partidos. “Um discurso medido e bastante realista, que transmitiu um pensamento no trabalho conjunto dos partidos”, analisou em sua coluna Washington Beltrán (El País, 2 de março de 2010, p. 10) ao elogiar a tônica adotada pelo mandatário em favor de uma relação amistosa com a oposição e a necessidade de redesenhar o Estado.

A oratória repercutiu nos dias seguintes e rendeu elogios entre críticos e eleitores de Lacalle. Em sua coluna “Comento um discurso memorable”<sup>21</sup>, na página de opinião, Carlos Maggi, reconhece que durante a campanha escreveu sem pausa contra a candidatura de Mujica. Mas que se sentia feliz de ter se equivocado ao ouvir o presidente falando no parlamento.

“Penso que disse sua verdade. É impossível mentir com um estilo tão compacto. Frase a frase se confirmava a si mesmo. Chamou a todos. Mas fez algo muito mais difícil: marcou uma ordem de prioridade sem se equivocar” (El País, 6 de março de 2010, p.9).

Maggi acrescentou que Mujica disse coisas nunca ditas pela esquerda.

“Mujica falou de um governo ortodoxo em matéria econômica e heterodoxo em matéria social, com escolas de tempo integral e outras apostas de longo prazo, baseadas na unidade nacional e no respeito aos princípios intocáveis da constituição” (El País, 6 de março de 2010, p.9).

O chamado do presidente foi aderido pela oposição. E o El País serviu de aproximação. Em um artigo<sup>22</sup>, sob o pretexto de “Carta ao presidente”, Larrañaga, vice de Lacalle e um dos mais duros críticos de Mujica na eleição, afirma que a política está irmanada na democracia, pois permite administrar o dissenso e a discrepância. “Estamos às ordens para construir. Para romper as maneiras que nos imobilizam faz muitos anos” (El País, 7 de março de 2010, p11). Há de fato uma tentativa de aproximação nos meses que seguem. Ambos estabelecem encontros regados a mate, fotografados pela imprensa em geral, para discutir os destinos da nação.

A política de boa vizinhança entre as duas correntes não perdura à medida que os conflitos se intensificam e eventuais debilidades, como segurança, por exemplo, são expostas em

---

<sup>21</sup> El País, 6 de março de 2010, página 9

<sup>22</sup> El País, 7 de março de 2010, página 11

pesquisas de opinião e índices nacionais. No caso do El País, a cobertura política entre 2010, 2011 e 2012 adota uma postura crítica, mas republicana, dentro de uma institucionalidade de um veículo de comunicação que apoiou outro candidato na corrida eleitoral e naturalmente tem outro perfil ideológico. As matérias nestes anos exploram as desavenças internas dentro da Frente Ampla, um ou outro temor infundado de um golpe da esquerda (neste caso, sempre muito associada com Lucia Topolansky), as disputas entre Mujica e Astori que, além de vice foi o ministro da Economia nesta e na gestão anterior, sobre os rumos dos gastos públicos.

Até o começo do segundo semestre de 2012 não há nenhuma matéria de destaque sobre o Uruguai em veículos estrangeiros. Logo, nenhuma repercussão disso na imprensa local. Este ano, no entanto, é fundamental nesta análise, não só porque surgem as primeiras matérias sobre Mujica pelo mundo, a partir de novembro, mas também pelos acontecimentos internos. Primeiro, a falência da empresa aérea Pluna, que respondia por até 80% das ligações aéreas do Uruguai com outros países. Isso abre uma frente de reportagens e artigos a partir de junho que procuram investigar o governo e responsabilizar as administrações da Frente Ampla pelos prejuízos financeiros da companhia. O país foi condenado a pagar US\$ 30 milhões pelas dívidas herdadas. Tabare e Astori, posteriormente, pediram desculpas por terem impulsionado a venda da companhia aérea ao consórcio argentino Leadgate, em 2007.

É também em meados de 2012 que Mujica fala pela primeira vez na possibilidade de legalizar o consumo de maconha no país. As outras pautas de caráter individual, como o casamento entre pessoas do mesmo sexo e a legalização do aborto, avançam nos debates e no Legislativo antes da virada para 2013. A agenda sobre a erva, no entanto, foi a que mobilizou mais o jornal e seus articulistas, colunistas e editorialistas, principalmente pelo ineditismo de ter o Estado no papel de produtor. Em 19 de junho, com objetivo de informar os leitores, há uma cobertura extensa com três reportagens acompanhadas de fotos e ilustrações. Uma das matérias<sup>23</sup> traz em detalhes a proposta do governo de produzir e administrar o controle na distribuição. A segunda<sup>24</sup> ouve especialistas em segurança pública e contesta a ideia de que legalizar a droga irá reduzir o consumo de crack, como defendeu o presidente ao justificar a proposta. A terceira<sup>25</sup> traz a opinião de médicos para

---

<sup>23</sup> El País, 19 de junho de 2012, página 5

<sup>24</sup> El País, 19 de junho de 2012, página 6

<sup>25</sup> El País, 19 de junho, de 2012, Página 7

informar que a maconha afeta o cérebro e possui mais de 400 substâncias químicas. Nenhuma chamada de destaque para potenciais benefícios da descriminalização ou elogios à medida por pesquisadores que apontam a falência da política de combate às drogas conduzida pelos Estados Unidos e replicada em boa parte da América Latina.

Nos dias seguintes o EL Pais também publica uma matéria com ex-presidentes da Junta Nacional de Drogas e advogados especializados em direito internacional que alegam que a legalização viola tratados da ONU sobre o tema. Até o fim do ano as reportagens procuram adotar um padrão mais imparcial, ouvindo os dois lados da história, ainda que de forma sugestionada demonstrem uma postura crítica ao projeto, como vimos acima. A sessão de opinião, por outro lado, aproveita a liberdade que tem para opinar para colocar em xeque o anúncio do governo, como o editorial de 21 de junho de 2012.

“Nenhum bom resultado vai se obter no combate às drogas sem colocar em prática constantes campanhas de educação, em escolas e meios de comunicação” (El Pais, 21 de junho de 2012, p.11).

O jornal retoma carga contra a legalização, de forma mais incisiva, com um artigo do ex-presidente Julio María Sanguinetti, que presidiu o Uruguai por dois períodos (1985-1990 e 1995-2000).

“A unanimidade dos profissionais do tema deixou claro que não tem o menor sentido pensar em legalizar a maconha como possível método para afastar de seu vício os consumidores de crack. Ou seja, a introdução do tema dentro de uma proposta de segurança pública se revelou como uma improvisação sem o menor fundamento” (El Pais, 15 de julho, p.11)

É em meio ao debate sobre a legalização que, aparentemente, Mujica começa a chamar a atenção da mídia estrangeira. No dia 23 de junho, poucos dias depois de apresentar a ideia, o presidente desembarcou no Rio de Janeiro para participar da Conferência sobre Mudanças Climáticas Rio + 20. A crítica ao modo de vida da chamada sociedade moderna, baseado no consumo desenfreado, é o primeiro grande discurso de Mujica de repercussão internacional, na visão de Rabuffetti (2015). A fala tem milhares de visualizações no Youtube. Curiosamente, não há uma reportagem no El Pais sobre as declarações do presidente na edição do dia seguinte. Esse fato chama atenção, pois

discursos presidenciais em fóruns internacionais costumam ter uma ampla cobertura por parte mídia de cada país.

A única matéria<sup>26</sup> no dia seguinte sobre a conferência, pequena e no pé de uma página, é focada nas declarações do cacique Raoni em defesa do respeito e da soberania dos povos indígenas. O jornal optou por focar suas matérias de política e economia na possibilidade de ingresso da Venezuela no Mercosul, o processo de destituição de Fernando Lugo da presidência do Paraguai e ainda os desdobramentos dos impactos de uma eventual legalização da erva. Além disso, há um artigo<sup>27</sup> escrito por Andrés Oppenheimer em que diz que a conferência realizada no Rio merece aplausos por sua defesa da conservação ambiental, mas que deveria também dedicar mais tempo a promover a inovação. Nenhuma palavra sobre a fala de Mujica.

Os dias que antecedem a publicação do perfil de Mujica na BBC, no dia 7 de novembro, revelam uma fase mais opositora do El País ao governo e seu presidente. Também mostram como as mídias uruguaia e estrangeira viviam e descreviam realidades distintas. Em sua coluna<sup>28</sup>, Francisco Faig, um opositor declarado e defensor das teses liberais, enaltece duas virtudes do general Líber Seregni, fundador e líder da Frente Ampla, e um dos principais responsáveis pela consolidação e unidade da coalizão: seu perfil liberal, com a busca sempre pelo diálogo com o adversário político, e a exigência de qualidade de políticas públicas, o que motivou o político e militar a nos últimos anos formar quadros partidários e “mostrar à esquerda que, com suas concepções sessentistas e cepalinas, iriam ao fracasso no novo mundo do século XXI” (El País, 3 de novembro de 2012, p.10). Os elogios a Seregni eram, na realidade, para dizer que seu legado foi traído. Agora, a Frente Ampla, escreveu Faig, falha em políticas públicas e havia se transformado em um vulgar aparato político clientelista a se beneficiar do poder. Sem provas ou detalhes, acusa a existência de nepotismo no serviço público e supostos contratos vantajosos para políticos nos contratos do Estado.

Há também um artigo<sup>29</sup> de Lacalle em que o ex-presidente afirma que a incapacidade de gestão desta administração é assombrosa. “Seminários, diálogos, comissões e conferências, todos os dias. Há uma fixação na dialética e uma impotência na realização.

---

<sup>26</sup> El País, 24 de junho 2012, página 6

<sup>27</sup> El País, 24 de junho de 2012, página 10

<sup>28</sup> El País, 3 de novembro de 2012, página 10

<sup>29</sup> El País, 4 de novembro de 2012, página 11

Governar é fazer. Ou não sabem ou não querem”. Como exemplo, cita o caso Pluna. “Não podemos afirmar que o então ministro Astori não sabia o que tinha que fazer para buscar um sócio, não quis fazer o certo, que era chamar uma companhia de aviação interessada e escolher a melhor” (El País, 4 de novembro de 2012, p.11). As matérias neste período também trazem um viés de baixa para o governo. Uma reportagem<sup>30</sup> dessa fase, por exemplo, destaca que o MPP, o grupo político de Mujica dentro da Frente Ampla, admite a possibilidade de perder votos na eleição de 2014 diante de uma perda de popularidade do governo.

O jornal ignora nas semanas seguintes a repercussão da matéria da BCC com Mujica, que acabou sendo reproduzida por veículos de comunicação de vários países ao longo dos meses de novembro e dezembro, conforme relatado na introdução deste artigo. Não produziram nenhuma nota nas semanas seguintes para dizer que o presidente uruguaio era destaque na mídia estrangeira por suas particularidades como governante. Um editorial<sup>31</sup> da época, inclusive, é repleto de críticas. “Não refundou nada. Este tem sido o governo do palavrório e das promessas não cumpridas, dos anúncios sonoros e das eternas postergações” (El País, 29 de novembro de 2012, p. 11). Chama atenção o fato deste texto específico, que traz um balanço da gestão, não fazer menção à regulamentação do aborto, ocorrido na mesma semana de sua publicação, conforme o próprio jornal noticiou. Trata-se de uma política pública com um evidente viés humanista, negociada e aprovada no Legislativo sob a liderança do então presidente.

A primeira e única referência às matérias daquele período sobre Mujica acontece semanas depois em um artigo<sup>32</sup> de Faig sob o título “O perfume do país de Pepe”.

“Nestes dias pululam notícias que contam que somos vistos com atenção por uma parte do distante primeiro mundo. Desta vez, não por causa seleção celeste (de futebol), mas pelo perfil de nosso presidente”, afirmou o articulista, descrevendo de forma irônica que os uruguaios não se tinham dado conta que o mandatário era um “defensor da liberdade, um homem frugal e probo, solidário até o tutano e um administrador cheio de sabedoria democrática” (El País, 1 de dezembro de 2012, p. 10).

---

<sup>30</sup> El País, 8 de novembro de 2012, página 8

<sup>31</sup> El País, 29 de novembro de 2012, página 11

<sup>32</sup> El País, 1 de dezembro de 2012, página 10

A descrição, disse Faig, preenche o orgulho chovinista e autocomplacente, mas não corresponde à realidade. “A sujeira urbana, o caos do trânsito, o barulho e a violência são o nosso pão de cada dia”, ressaltou o articulista, para concluir por fim que “tal como uma criança com os três reis magos, o centro das atenções internacionais encoraja-nos a acreditar que basta insistir nas nossas rotinas diárias e estatísticas para alcançar o país prometido de primeira. Que lindo que eles nos notem e obrigado Pepe”!

O jornal volta a falar da cobertura da imprensa internacional sobre o Mujica, primeiro, com uma pequena nota<sup>33</sup>, no início de 2013, para noticiar que o então presidente teve um perfil publicado no “The New York Times” em que ressaltam seu modo de vida austero. “A foto do presidente preparando um mate na cozinha de sua chácara foi publicada na capa do diário estadunidense. A nota, como muitas outras que foram feitas a nível internacional, destacou que vive com menos do que ganha”(El Pais, 4 de janeiro, de 2013, p.4).

O El Pais retoma o assunto alguns dias depois ao publicar uma reportagem<sup>34</sup> com uma carta enviada pelo Centro de Estudos de Direitos Humanos em resposta ao jornal americano para dizer que Mujica participou de um movimento armado que, entre outros delitos, tirou a vida do americano Dan Mitrione “de maneira similar às decapitações perpetradas hoje em dia pelos jihadistas”. A entidade, ainda conforme a matéria, disse que os projetos da administração de Mujica, como a legalização da maconha, o matrimônio homossexual e a regulamentação do aborto, são muito discutidos e polêmicos na sociedade uruguaia e que o deteriorado nível da educação e o aumento da delinquência, reconhecidos pelo governo, são tratados pela gestão Mujica de forma “diletante”. A matéria não tem nenhuma outra referência sobre Mitrione, conhecido por ser um agente da CIA responsável por ensinar técnicas de tortura na América Latina durante a guerra fria.

As reportagens, os editoriais e artigos do início de 2013, também são pouco favoráveis ao então presidente. Na matéria “Marchas e contramarchas de 2012<sup>35</sup>”, que tem uma charge do presidente mergulhando em direção aos microfones, se aponta que Mujica encerrou 2012 com 16 pontos percentuais a menos de popularidade a sua gestão do que tinha em abril de 2010, com um mês de mandato. “O ano marcou, além disso, o nível

---

<sup>33</sup> El Pais, 4 de janeiro de 2013, página 4

<sup>34</sup> El Pais, 5 de janeiro de 2013, página 9

<sup>35</sup> El Pais, 6 de janeiro de 2013, página 6

mais baixo de apoio a um presidente frentista”. Na mesma edição, o editorial<sup>36</sup> argumenta que se o “presidente sofrer ao longo de 2013 um processo de erosão similar ao que sofreu em 2012, não só ele e seu governo estarão em problemas, mas todos os uruguaios”.

O jornal volta a tratar da questão da austeridade presidencial ao repercutir declarações do senador blanco Luis Alberto Heber após um novo perfil sobre Mujica, desta vez, publicado em janeiro de 2013 no jornal dominical britânico “Sunday Times”. “A forma de vida do mandatário foi motivo de uma nova nota de um meio de comunicação estrangeiro”, assinala o El País<sup>37</sup>, acrescentando que Heber se propôs a trocar seu apartamento pela chácara do mandatário para mostrar que o adversário político procura se mostrar mais pobre do que de fato seria.

O tom crítico segue parecido até setembro de 2013, quando ocorre o discurso de Mujica na sede das Nações Unidas. A fala do presidente na ONU, que “empreendeu contra o Deus mercado”, ganha apenas uma página<sup>38</sup> no jornal, além da chamada de capa. Trata-se do mesmo espaço destinado a uma matéria<sup>39</sup> com figuras da oposição que pedem que o presidente não use o país como laboratório da legalização da erva, numa referência a uma outra reportagem<sup>40</sup>, do dia anterior, que afirma que o bilionário e filantropo George “Soros mira o Uruguai como um laboratório para a maconha legal”. As reuniões entre Mujica, Soros e David Rockefeller sobre a questão da droga seguem em destaque no jornal nos dias seguintes ao assinalarem que os dois bilionários deram sua benção ao projeto e sinalizaram com a possibilidade estudarem o impacto da legalização.

A sessão opinativa do jornal neste período não alivia nas contestações ao governo. Em um artigo<sup>41</sup>, Lacalle disse que o Uruguai pode mandar “maconheiros para Soros para que os hospedem em alguma de suas mansões”. Sobre Mujica, afirmou que o presidente falou na ONU “mais ou menos o nada que estamos acostumados. Lugares comuns”. Na mesma linha, Hernan Bonilla disse em sua coluna<sup>42</sup> que a participação do presidente uruguaio havia despertado grande interesse devido a atenção midiática do exterior, mas que foi um discurso “atormentado de lugares comuns, bucólico e pseudofilosófico”.

---

<sup>36</sup> El País, 6 de janeiro de 2013, página 11

<sup>37</sup> El País, 14 de janeiro de 2013, página 9

<sup>38</sup> El País, 25 de setembro de 2013, página 8

<sup>39</sup> El País, 25 de setembro de 2013, página 9

<sup>40</sup> El País, 24 de setembro de 2013, página 5

<sup>41</sup> El País, 27 de setembro de 2013, página 10

<sup>42</sup> El País, 27 de setembro de 2013, página 11

“Continua queixando-se dos males que afligem a humanidade ao estilo de um pregador religioso. Critica os sindicatos, os empresários, os organismos internacionais, a chuva e a seca. O incrível é que já está há quatro anos no cargo e não se inteirou do que é ser presidente da República”. (El País, 27 de setembro de 2013, p.11).

Ao encerrar, declarou que o “conferencista exótico não é o que necessitam para o liderar o Poder Executivo”. “Lamentavelmente, quando vemos os resultados e não as palavras, o que deixará o governo Mujica é uma enorme oportunidade perdida”

A tônica segue similar nos últimos meses de 2013, com reportagens que trazem mais os temores de uma legalização da maconha do que potenciais benefícios, assim como a possibilidade de a ONU condenar o país por violar convênios internacionais sobre a maconha. Um evidente exemplo desta postura ácida em relação ao governo frentista está registrado na edição de 18 de dezembro. A principal matéria<sup>43</sup> de política traz uma entrevista com a então embaixadora dos Estados Unidos, Julissa Reynoso, no qual ela manifesta a preocupação de uma eventual infiltração do narcotráfico no mercado legal da erva. Abaixo, com menos destaque, há uma pequena nota<sup>44</sup> para dizer que o Uruguai foi eleito o país do ano pela revista britânica “The Economist”, especialmente pela legalização da maconha e do matrimônio gay. O prêmio foi alvo da artilharia de Héran Bonilla poucos dias depois. Em sua coluna<sup>45</sup>, afirmou que o governo posa de liberal, com medidas rechaçadas pela maioria dos uruguaios. “Enquanto no exterior se aplaudem o presidente, por estes lares sofremos ao ver como o país se perde e se destroem seus elementos mais essenciais, os que o definem”. (El País, 20 de dezembro de 2013, p.8)

A mesma revista publicaria ainda, em agosto de 2014, um longo perfil sobre o presidente uruguaio, descrito como o líder mais original da América Latina. O reconhecimento representa um significado especial diante da concorrência de outros políticos latino-americanos que, bem ou mal, mobilizavam militantes, como o brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva, a argentina Cristina Kirchner, o boliviano Evo Morales, o equatoriano Rafael Correa, a chilena Michelle Bachelet e sem falar nos cubanos e irmãos Castro, Fidel e Raul. O jornal britânico “The Guardian”, também levou aos seus leitores duas longas

---

<sup>43</sup> El País, 18 de dezembro de 2013, página 4

<sup>44</sup> El País, 18 de dezembro de 2013, página 4

<sup>45</sup> El País, 20 de dezembro de 2013, página 8

reportagens sobre Mujica. A primeira<sup>46</sup> foi em maio e a segunda<sup>47</sup>, em setembro do mesmo ano. A revista Time, como adiantando na introdução, também incluiu Mujica como uma das 100 personalidades do ano de 2014 pela regulamentação do mercado de maconha. Nenhuma destas reportagens ou notas gerou qualquer registro no El País.

Apenas às vésperas do fim do mandato, em 2015, o jornal adota uma postura um pouco mais benevolente com o então presidente, inclusive, ao conceder um maior espaço para Mujica em suas páginas. A edição que marca a passagem de bastão para seu sucessor tem um perfil<sup>48</sup> de sua gestão, com uma charge do mandatário de camisa, bermuda e sandálias. No texto, afirmar-se que seu governo falou muito, mas fez pouco e, embora não tenha provocado cataclismos, foi estimulante. “É um grande exemplo da curta história da tolerância”. Além disso, há uma longa entrevista exclusiva<sup>49</sup> com Mujica, em que ele reconhece erros, relativiza seus discursos e reafirma sua aposta na conciliação. Por fim, o El País ainda publica uma matéria<sup>50</sup>, sob a manchete “Rockstar”, e com uma foto do presidente segurando uma guitarra com integrantes banda de rock Aerosmith, em que reconhece sua popularidade no exterior.

#### Considerações finais

O presente artigo procurou trazer a responsabilidade da imprensa na construção positiva ou negativa da imagem de uma figura pública. A análise reforça a percepção de que os meios de comunicação, uruguaios ou estrangeiros, são agentes sociais ativos, parciais e focados basicamente em cativar seus leitores e não necessariamente o público em geral. Quero dizer com isso que as reportagens e opiniões expressas são destinadas, em sua maioria, para um determinado grupo ou classe social. Não há no cotidiano, por outro lado, uma deliberação prévia para prejudicar ou favorecer um personagem ou tema dentro das grandes redações. Em 21 anos dentro de redações de jornal, com perfis variados, nunca me ocorreu tal situação. Acredito que os jornalistas, de um modo geral, apenas

---

<sup>46</sup> <https://www.theguardian.com/world/2014/may/27/jose-mujica-uruguay-maverick-president>

<sup>47</sup> <https://www.theguardian.com/world/2014/sep/18/-sp-is-this-worlds-most-radical-president-uruguay-jose-mujica>

<sup>48</sup> El País, 28 de fevereiro de 2015, página 4

<sup>49</sup> El País, 28 de fevereiro de 2015, página 5 e 6

<sup>50</sup> El País, 28 de fevereiro de 2015, página 7

reproduzem em suas reportagens aquilo que seus leitores e financiadores esperam, ainda que tenham em mente uma suposta imparcialidade e o rigor na apuração dos fatos.

No caso do Uruguai, talvez pelo fato de não ter conseguido resolver algumas questões essenciais para os cidadãos, Mujica é um político criticado e permanentemente atacado em círculos políticos e intelectuais, especialmente de direita, mas também entre a esquerda que integra. Alguns destes últimos consideram que ele se distanciou demais das ideias que o levaram a optar no passado pelas armas. Outros, por sua vez, nunca o perdoaram por ter integrado as fileiras da guerrilha. Além disso, o estilo pessoal de lidar com o cargo, sem gravata e sem agenda, contrário à formalidade comum dos presidentes, também rende contestações, sobretudo entre aqueles que projetam uma outra imagem ou postura para o presidente da República. No entanto, podemos notar neste artigo que os elogios e as críticas que marcaram seu governo constroem uma imagem, mas sem necessariamente atender aos interesses de seus propagadores.

Neste sentido, muitos dos críticos de Mujica na imprensa e no empresariado acabaram por reforçar as características que parte da população uruguaia e de outros países enxergavam como uma eventual qualidade, como a ausência de um elevado grau de formação acadêmica – ele não tem ensino superior –, o que o aproximava da população uruguaia, composta em sua maioria por uma classe média baixa, o passado guerrilheiro ou mesmo pelo perfil pouco convencional para um presidente que dispensa o terno e gravata e é pouco afeito às formalidades e privilégios do cargo, como dito anteriormente.

Fora das fronteiras, contudo, essa forma franca de se comunicar, a austeridade que revela o estilo de vida simples e algumas medidas que o país aprovou sob sua liderança cativaram audiências em massa. E muito deste processo se deve ao modo como a imprensa estrangeira retratou a história de um homem que iniciou sua trajetória política de maneira impaciente, dando tiros em um sistema constitucional em declínio, e que se converteu como parlamentar e presidente em um apóstolo da democracia e das liberdades individuais. Com carisma e um estilo de comunicação único, Mujica soube aproveitar a exposição midiática para abordar grandes problemas do mundo, como o consumismo que empobrece a existência humana, a degradação do meio ambiente por falta de consciência e a falência de um sistema capitalista que amplia as desigualdades sociais.

Em resumo, sem entrar no mérito de cada opção, podemos dizer que o El País seguiu fiel ao seu público de leitores ao ora, ignorar, ora, minimizar ou, ora, desdenhar do sucesso

de Mujica entre os jornalistas internacionais. Alguns vão recordar aquela antiga expressão, neste caso, de que santo de casa não faz milagre. E de fato, a imprensa estrangeira pouco relatou sobre os problemas internos do Uruguai neste período ou as muitas contradições do mandatário. Os veículos de comunicação internacionais enxergaram no presidente uruguaio uma fonte rica de declarações e posturas pouco convencionais e de forte apelo midiático para leitores ávidos por consumir notícias diferentes ou inusitadas.

Mas, a exemplo do El País, a mídia estrangeira também fala para o seu próprio público. Mensagens em favor da paz, da transição energética, de um modo de vida mais sustentável e com a preservação do meio ambiente estão na ordem do dia das grandes redações ao redor do globo e, especialmente, de muitos de seus leitores. E essas mensagens de esperança que Mujica propagou, oriundas de alguém que age de maneira coerente com o que fala e pensa, são eternas e ficam de lição para as gerações seguintes. Até porque, como ele próprio reconheceu em seu último discurso antes da conclusão deste artigo, “a luta continua por um mundo melhor”<sup>51</sup>. “Sou um idoso que está muito perto de se retirar para o lugar de onde não se volta, mas sou feliz porque estou com vocês, porque quando meus braços se forem, haverá milhares de braços substituindo a luta”, afirmou Mujica que, aos 89 anos, luta contra um câncer. Avante, Pepe!

---

<sup>51</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3SjZUfajyhw>. Acesso em: 11 de novembro de 2024

## Bibliografía

ARTEAGA, Juan José. Historia Contemporánea del Uruguay. Montevideo: Ediciones Cruz del Sur, 2018.

CAETANO, Gerardo. Historia Mínima del Uruguay. Montevideo: El Colegio de Mexico, 2019.

CAETANO, Gerardo. Seregni, Un Artiguista del Siglo XX. Montevideo: Ediciones de La Banda Oriental, 2016.

DANZA, Andrés e TULBOVITZ, Ernesto. Uma Ovelha Negra no Poder. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

MAIZTEGUI CASAS, Lincoln. Orientales. Una Historia Política del Uruguay. Tomo 2. De 1865 a 1938. Montevideo: Editorial Planeta. 2005.

MÉNDEZ VIVES, Enrique. El Uruguay de la Modernización. Montevideo: Ediciones de La Banda Oriental, 2007.

NAHUN, Benjamin. Historia Uruguaya, La Época Batllista. Montevideo: Ediciones de La Banda Oriental, 2007.

PERNAS, Walter. Comandante Facundo. El revolucionario Pepe Mujica. Montevideo: Aguilar, 2013.

RABUFFETTI, Mauricio. Mujica, a Revolução Tranquila. São Paulo: Leya, 2015.

TAQUARI, Carlos. Tiranos e Tiranetes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.